

**MEMORIAL REFLEXIVO COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO  
FORMATIVA EM CURSO *ON LINE***

**REFLECTIVE MEMORIAL AS A TOOL FOR FORMATIVE ASSESSMENT IN  
ONLINE COURSE**

**SOUZA, Raquel Aparecida de\***

---

\* Possui graduação em Pedagogia (2003) e mestrado (2007) em educação, na linha de políticas da educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É especialista (2010) em educação continuada e a distância e doutoranda (2013) em Políticas de EAD pela UnB. Atualmente é professora assistente na Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de Educação atuando principalmente nos eixos de políticas da educação, educação superior, EAD, EJA, TCC, educação e tecnologias. E-mail: [eraquelas@gmail.com](mailto:eraquelas@gmail.com)

## RESUMO

Esse artigo analisa a experiência de avaliação em um curso *on line* que utilizou o Memorial Reflexivo como um de seus instrumentos, visando compreender se essa prática apresenta subsídios que contribuem para uma perspectiva de avaliação formativa. Foram analisadas as respostas dos Memoriais em uma turma de especialização em gestão pedagógica a partir da reflexão individual de cada aluno sobre o que ele aprendeu, quais as dificuldades ele encontrou, como as superou além das sugestões e críticas feitas ao curso. Os resultados apontam que o uso do Memorial vem se constituindo como um espaço de avaliação e formação, pois, a partir de um procedimento avaliativo, obtém-se elementos para um repensar coletivo, implicando em uma prática diferenciada e construção de aprendizagens mais significativas.

**Palavras-Chave:** Avaliação Formativa. Memorial Reflexivo. Curso *On Line*.

## ABSTRACT

This paper examines the experience of evaluation in an online course that used the Reflective Memorial as one of its instruments in order to understand if this practice provides subsidies that contribute to a formative evaluation perspective. Were analyzed the responses of Memorials in a postgraduate class in educational management from the individual reflection of each student about what he/she learned, what difficulties he/she met, how he/she overcame, as well as of the suggestions and criticism of the course. The results indicate that the use of the Memorial is becoming as a site for assessment and formation, because, from an evaluative procedure, elements are obtained for a collective rethinking, resulting in a differentiated practice and construction of more meaningful learning.

**Keywords:** Formative Assessment. Reflective Memorial. Online Course.

## 1 INTRODUÇÃO

Somos contemporâneos de uma sociedade em que as práticas de avaliação empíricas ou formais estão sempre presentes, avalia-se o tempo todo e é a partir das avaliações que projetos são repensados, programas são suspensos, ações realinhadas, decisões que alicerçadas em dados e informações são tomadas, juízos de valores são emitidos, méritos concedidos dentre outros encaminhamentos. Neste contexto de avaliar e ser avaliado fica evidente a importância da avaliação nos programas e políticas educacionais, de modo especial no âmbito dos projetos relativos à qualificação dos profissionais da educação, em que a avaliação assume papel de destaque como processo auxiliar e fundamental na tomada de decisões, na medida em que fornece informações úteis a quem decide.

No entanto, poucos são os trabalhos que registram os caminhos percorridos quando se trata da avaliação no âmbito da educação à distância (EAD), quer seja voltados para os processos de ensino e aprendizagem quer seja na proposta de avaliação dos cursos desencadeados nessa modalidade. Evidenciando de certo modo a necessidade de promover e desenvolver uma cultura de avaliação, considerando desde a fase inicial, o percurso até o final dos projetos, de modo especial, quando se trata de projetos em educação *on line*. E nessa perspectiva a falta de critérios e a inexistência de uma memória sistematizada de avaliação podem estar contribuindo para o julgamento da eficiência dos programas de EAD, quer no âmbito dos processos de ensino e de aprendizagem, quer no âmbito da avaliação interna do curso.

Neste contexto esse estudo, busca contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de avaliação, que não visa apenas os resultados, mas sim, que esteja voltada para a geração de conhecimentos tanto na perspectiva dos processos de ensino e aprendizagem, quanto no fornecimento de subsídios para tomada de decisões.

Para tanto, apresenta-se alguns conceitos de avaliação, evidencia-se a importância da avaliação em projetos e/ou programas que envolvem curso na modalidade de EAD *on line* e também apresenta a análise e alguns relatos dos caminhos percorridos na avaliação de um projeto de curso de pós graduação *lato sensu* a distância desenvolvido no estado do Tocantins.

## 2 AVALIAÇÃO NA PERSPECTIVA FORMATIVA

Muitos são os teóricos que abordam a avaliação enquanto campo de pesquisa, e que ao externalizarem os resultados dos seus trabalhos têm contribuído para a compreensão de como se processa a avaliação, nos campos do ensino e da aprendizagem, promovendo ressignificação de conceitos e ampliando a investigação e a pesquisa para outros campos do conhecimento. Sem a pretensão de esgotar aqui os conceitos de avaliação e seus múltiplos significados, mas de utilizar algumas ideias que contribuem para a incursão da avaliação no campo da EAD *on line*, apresenta-se algumas abordagens, ressaltando-se as relacionadas à avaliação formativa.

De acordo com Villas Boas (2001) quando a escola faz opção por uma concepção de avaliação formativa ela está fazendo opção por uma avaliação que promove o desenvolvimento não só do aluno, mas também do professor e da escola, pois é uma avaliação comprometida com a aprendizagem e com o sucesso de todos os cursistas. Aponta que as designações: mediadora, emancipatória, dialógica, integradora, democrática, participativa, fazem parte do que se entende por avaliação formativa, pois todas elegem como norte a promoção humana.

Segundo Perrenoud (1999, p.103), “é formativa toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”. E nesse sentido, o professor ao praticar a avaliação formativa precisa ter um domínio do currículo e dos processos de ensino-aprendizagem, e ter condições também de “construir seu próprio sistema de observação, de interpretação, de intervenção em função de sua concepção pessoal de ensino, dos objetivos, do contrato didático, do trabalho escolar” (p.122).

Quando se pensa em avaliação formativa o professor deve romper com a idéia de uma avaliação igual para todos, pois não há razão alguma de dar a todos os cursistas a mesma “dose” de avaliação formativa. Ela exige ações diferenciadas, o que “começa com um investimento na observação e interpretação dos processos e dos conhecimentos proporcionais às necessidades de cada aluno” (Ibid., p. 123). E nesse sentido as intervenções por parte do professor podem acontecer de várias formas, pois não se consegue associar avaliação formativa a um tipo particular de intervenção.

O professor pode ajudar o aluno a progredir de várias maneiras: explicando de um jeito mais simples, diferente do que ele já explicou; engajando-o em uma tarefa nova, mais

envolvente, de acordo com suas capacidades; aliviando sua angústia e devolvendo-lhe a confiança; propondo-lhe outro modo de agir, de realizar a atividade, redefinindo o conteúdo didático, modificando o ritmo de trabalho e de progressão, a natureza das penalidades e das recompensas, a parcela de autonomia e de responsabilidade do aluno, etc.

Hadji (2001) aponta as características da avaliação formativa considerando que ela é verdadeiramente útil em situação pedagógica:

- A avaliação formativa é uma avaliação informativa. A avaliação torna-se formativa na proporção em que faz parte de um projeto educativo específico, favorecendo o desenvolvimento daquele que aprende.
- A avaliação formativa informa os dois principais atores do processo: o professor e o aluno. O professor que ao ser informado dos efeitos reais de seu trabalho pedagógico poderá regular sua ação. O aluno que ao tomar conhecimento de suas dificuldades poderá reconhecer e corrigir seus próprios erros.
- A avaliação formativa tem a função de regulação voltada para o professor e para o aluno. “... o professor, assim como o aluno, deve poder ‘corrigir’ sua ação modificando, se necessário, seu dispositivo pedagógico com o objetivo de obter melhores efeitos por meio de uma maior ‘variabilidade’” (p. 20).

A avaliação formativa implica, portanto, flexibilidade, vontade de adaptação, de ajuste, por parte do professor promovendo uma modificação das práticas do professor, pois “uma avaliação que não é seguida por uma modificação das práticas do professor tem poucas chances de ser formativa” (Ibid. p.21) evidenciando porque se diz frequentemente que a avaliação formativa é antes contínua.

Hadji (2001) apresenta também três possibilidades de avaliação em relação à ação de formação, entre elas a que precede a ação de formação – Avaliação prognóstica –, pois se compreende que toda avaliação pode ser diagnóstica na medida em que identifica certas características do aprendiz e faz um balanço certamente mais ou menos aprofundado de seus pontos fortes e fracos. Avaliação que ocorre depois da ação – avaliação cumulativa – “ela tem a função de verificar se as aquisições visadas pela formação foram feitas” (Ibid., p.19). E por fim, a avaliação que situa-se no centro da ação de formação – avaliação formativa – sua principal função é “contribuir para uma boa regulação da atividade de ensino (ou de formação, no sentido amplo)” (Ibid., p.19).

Outros aspectos a serem abordados estão vinculados a aqueles que vão executar o processo de avaliação, considerando nesse caso, a equipe de avaliadores. Nesse sentido a avaliação pode ser interna, externa, mista e participativa. Avaliação interna: é aquela cujos avaliadores são sujeitos da própria instituição, mas não são os responsáveis diretamente pela execução do projeto; avaliação externa: é aquela realizada por avaliadores especializados,

porém sem vínculos com a instituição que está executando ou executou o projeto; avaliação mista é aquela que faz uma combinação das avaliações externas e internas e avaliação participativa é aquela em que participam a população-objeto do projeto juntamente com os executores do mesmo. (REIS, 1999).

No entanto, quando se refere à EAD alguns questionamentos perpassam: como desencadear um processo de avaliação que leve em conta a dimensão formativa da avaliação? Os cursistas de EAD *on line* conseguem acompanhar a evolução do seu aprendizado? Como assegurar processos de autoavaliação em cursos *on line*?

### **3 MEMORIAL REFLEXIVO COMO UM CAMINHO POSSÍVEL NA AVALIAÇÃO FORMATIVA**

Considerado os pressupostos da avaliação formativa, o memorial reflexivo vem sendo proposto como um espaço legítimo para promover o cursista e o professor. Em cursos de educação *on-line* com propostas mais avançadas, ele vem sendo utilizado como um instrumento em que o aluno vai registrando sua memória a partir de suas experiências e reflexões vivenciadas no decorrer do curso.

Prado e Almeida (2007) definem o memorial reflexivo como

[...] um instrumento de caráter pessoal que permite ao participante do curso (aluno, monitor, professor) registrar o ocorrido, impulsionando-o a investigar as experiências vivenciadas por meio da análise sistemática de suas ações, reações, sentimentos, impressões, interpretações, explicitações, hipóteses e preocupações envolvidas nestas experiências... (p. 4).

O memorial reflexivo é considerado como um documento de cunho pessoal, em que o cursista faz seus registros e numa perspectiva investigativa, ele procura, questiona suas próprias ações, identifica o que aprendeu, reflete sobre as dificuldades enfrentadas e aponta alternativas sobre como as superou, além de emitir comentários e sugestões.

Dessa forma, torna-se um instrumento de avaliação no qual o cursista faz a autoavaliação da sua própria aprendizagem, tece comentários e apresenta sugestões em relação ao trabalho desenvolvido pelo outro. Representa uma elaboração reflexiva na proporção em que considera toda a sua experiência vivenciada no curso, apontando considerações sobre suas próprias ações, reações, sentimentos, impressões, interpretações, explicitações, hipóteses e preocupações.

Okada (2007) reconhece que o memorial reflexivo permite ao professor, conhecer e saber como o aluno está assimilando as experiências, e a partir de então ele pode avaliar não



só o resultado do seu trabalho, mas também acompanhar o percurso realizado pelo aluno, desvelando espaços para uma intervenção pedagógica pontual e mais eficiente. Da mesma forma, para o cursista, representa um importante instrumento para compreender a si mesmo, permitindo-lhe registrar sua trajetória, avaliar e compreender a evolução do seu processo de aprendizagem. Dessa forma, a autora compreende o memorial reflexivo como “um conjunto de reflexões construído de forma contínua pelo próprio aprendiz, sobre o seu processo de aprendizagem que abrange aspectos cognitivos, sócios afetivos e intuitivos” (OKADA, 2007, p.87).

A mesma autora, citando Barbier (2002), também destaca a possibilidade de ocorrer a “escuta sensível” a qual se baseia na empatia com o uso dos memoriais reflexivos.

O aprendiz se abre para sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo de si e do outro para poder compreender de dentro suas atitudes, comportamentos, valores, idéias e sentimentos [...] A intenção da escuta sensível não é o julgamento, a comparação; mas sim, a compreensão do que é dito ou feito. Assim, a escuta sensível percebe as interrogações, o imaginário, as emoções, e também os ressentimentos. Desse modo, a escuta sensível abre-se para o desconhecido, para o questionamento e as incertezas para a vida. (BARBIER, 2002 apud OKADA, 2007, p.9).

Nesta perspectiva, entende-se que o memorial reflexivo possibilita o registro não só do processo de aprendizagem, mas também, das conclusões, produto das reflexões elaboradas pelo aprendiz, pois ao externalizar os processos e resultados de suas aprendizagens, nos aspectos cognitivos, afetivos, emocionais, o cursista revela suas experiências, seus acertos, avanços, assim como suas dificuldades, seus problemas, limites, reconhece como conseguiu superá-los.

Freire e Linhares (2009) também destacam sobre a importância desse instrumento, como sendo um elemento de avaliação formativa/somativa que mede não apenas resultados, efeitos ou desempenhos, mas torna possível observar e compreender de maneira metodológica, sistemática e individualizada a atuação do aluno, possibilitando assim, a ampliação de oportunidades de aprendizagem, dando ênfase “a participação, as subjetividades, singularidades de cada sujeito no processo de aquisição do conhecimento”.

Desta forma, o memorial reflexivo apresenta-se como um instrumento de registro analítico sobre um processo de aprendizagem vivenciado no curso e que está sempre aberto, permitindo uma revisitação e caso necessário, uma reelaboração do cursista a partir de suas próprias reflexões. Entende-se também que é um espaço de comunicação/informação entre os pares, possibilitando processos de interação e mediação que são tão importantes para diminuir a sensação de solidão em cursos à distância. Mesmo sendo uma ferramenta assíncrona,

oferece possibilidades de acesso e intervenção de colegas, favorecendo a interação entre pares e criando possibilidades de *feedbacks*, na medida em que todos os cursistas compartilham suas reflexões, constituindo assim um *lócus* de formação e autoformação.

#### 4 MEMORIAL REFLEXIVO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO

No curso de Pós Graduação em Gestão Escolar a avaliação do cursista foi feita durante o desenvolvimento das atividades previstas nas salas ambientes, considerando-se a participação do aluno, suas produções individuais e grupais, incluindo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Refere-se a um curso *on line* de especialização dirigido a diretores/gestores de escolas municipais e estaduais, que foi ofertado pela Universidade Federal do Tocantins, por meio da parceria com o Programa Nacional Escola de Gestores, União de Dirigentes Municipais (UNDIME) e Secretaria de Educação do Estado (SEDUC).

Considerando a diversidade de cursistas atendidos nesse curso e visando possibilitar uma “escuta sensível”, como destaca Okada (2007), do indivíduo que está em sua localidade, talvez distante de seus pares, mas que faz conhecer a reflexão de sua prática diária, aliado com a teoria estudada no curso, o memorial reflexivo foi proposto enquanto um instrumento de avaliação formativa, constituindo-se como um espaço no qual o cursista refletia sobre os próprios registros, criando oportunidades para questionar e, sobretudo, de se questionar, possibilitando-lhe uma reflexão mais profunda e permitindo a si mesmo acrescentar dimensões, olhares, desafios, novas dúvidas que antes não existiam (ALMEIDA, 2007; OKADA, 2007; DEMO, 1990), além de apresentar comentários e sugestões para melhorar o desenvolvimento do curso.

No referido curso foi utilizado o Memorial Reflexivo de Progresso (MRP) considerando que o projeto de avaliação do curso foi modificado durante a sua implementação com vistas aos aspectos formativos da avaliação, sendo incluído o memorial reflexivo como uma das formas de assegurar a qualidade do processo de formação dos gestores. Assim foi proposto para ocorrer em três momentos distintos do curso, e ao final elaborava-se um Memorial Reflexivo Síntese (MRS), sintetizando todos memoriais respondidos durante o curso.

No ambiente de aprendizagem virtual AVA/Moodle utilizado no curso, o MRP foi disponibilizado em formato de questionário contendo três questões discursivas com as seguintes perguntas: *O que aprendeu neste curso desde o início até agora?; Que dificuldades*



enfrentou e o que ajudou a superá-las?; *Que comentários você faria sobre o curso até agora ou que sugere?* Todas essas questões eram complementadas com a observação: “Pode dizer tudo o que quiser, não precisa resumir!”, na perspectiva de que os cursistas pudessem responder de forma consciente e espontânea, a partir de uma reflexão do seu processo de aprendizagem e de uma auto-avaliação do próprio trabalho por ele realizado, e ao mesmo tempo, que os professores obtivessem o maior número de informações para análise e compreensão sobre o ato de ensinar e aprender no curso *on line*.

Considerando a perspectiva das informações explícitas ou subjacentes presentes no memorial reflexivo, após as respostas dos cursistas, os professores de turma organizavam uma síntese geral e disponibilizava para conhecimento de todos, procurando responder questões gerais levantadas pelos cursistas, sanando dúvidas, buscando soluções para a superação de problemas e apontando elementos para a construção de novos significados. Em casos em que se necessitava de um retorno e *feedback* individual e imediato, o professor fazia diretamente para o cursista utilizando a ferramenta do mensageiro do AVA/Moodle.

Para melhor compreender sobre o uso desse instrumento no curso de pós graduação, que visou práticas de uma abordagem formativa da avaliação, apresenta-se alguns resultados e encaminhamentos a partir das análises do trabalho realizado por uma turma do referido curso.

A sistematização e apresentação dos resultados dessa análise foram organizadas a partir das três questões disponibilizadas no ambiente virtual e respondidas pelos cursistas na primeira fase do curso. A intenção, nesse caso, não é relatar um processo completo de avaliação, mas sim socializar o potencial que o MPR apresenta e que se apresenta como um espaço de avaliação formativa em cursos à distância.

Considerando uma turma, dentre as dez turmas do curso ofertado no Tocantins, destaca-se a turma de Gurupi-TO, a qual foi formada por 38 cursistas/gestores. Uma turma que atendia a cidade de Gurupi, região sul do Estado e algumas cidades de seu entorno, com municípios circunvizinhos com baixo IDEB e com cursistas que apresentavam entre as várias dificuldades de permanência no curso, a questão de falta acesso à internet e computador, o não domínio às ferramentas tecnológicas, além de uma formação básica precária e muitas dificuldades de leitura e escrita, dentre outros problemas.

A primeira questão do MRP, “*O que aprendeu neste curso desde o início até agora?*”, foi respondida pelos cursistas, os quais externaram suas posições respondendo que aprenderam muito com o curso. Afirmaram que o curso auxiliou na compreensão dos conceitos sobre gestão democrática; sobre a reflexão teórica e prática na atuação profissional;

adquiriram conhecimentos sobre a temática dos Conselhos Escolares; sentiram-se ajudados em sua própria formação para o trabalho de gestão, com respaldo teórico para o dia a dia na escola permitindo-lhes a atualização para o exercício de suas obrigações, inclusive para alguns, houve a confirmação de terem avançado na compreensão do que significa o processo da gestão democrática; Alguns cursistas destacaram a aprendizagem sobre a importância da construção e reconstrução do PPP e dos conhecimentos sobre o direito a Educação e, ainda para alguns, foi possível ampliar ainda mais seus conhecimentos sobre o planejamento escolar. Vale destacar que, alguns cursistas relataram também que o curso ajudou na organização do tempo, tanto referindo ao tempo do trabalho diário como do próprio curso, que foi um elemento recorrente na questão dois do MRP.

Com relação à segunda questão “*Que dificuldades enfrentou e o que ajudou a superá-las?*” a grande maioria dos cursistas relataram problemas de administração do tempo e dedicação ao curso; alguns apresentaram problemas com o domínio das ferramentas do ambiente, mas apontaram que isto estava sendo superado aos poucos com a ajuda dos professores; Outros relataram ter dificuldades de acesso à internet, ou por morar em localidades sem sinal para internet ou por não terem equipamentos adequados de fácil acesso nem em casa e nem na escola em que trabalham. Outras dificuldades também foram evidenciadas como, o grande volume de atividades no curso, a implementação do projeto de intervenção, outro instrumento de avaliação exigido pelo curso, além de dificuldades de encontrar materiais de pesquisa para a escrita do trabalho final do curso.

Com relação à última questão do MRP, “*Que comentários você faria sobre o curso até agora ou que sugere?*” A maioria dos cursistas elogiaram o curso, o material teórico, os encontros presenciais, a preparação da equipe. Nas sugestões apresentadas, alguns destacaram que a interação entre os cursistas precisava melhorar, sobretudo com relação à participação nos fóruns de discussões temáticas, em que, para alguns, as discussões eram superficiais. Outros pediam mais compreensão no atraso das atividades e ainda, alguns registraram a necessidade de se ter mais encontros presenciais.

A partir da análise individual dos MRPs os professores da turma emitiam o *feedback* aos cursistas, e as questões que apareciam de forma geral nos memoriais, foram respondidas de forma coletiva no documento-síntese que era disponibilizado no ambiente para que todos tivessem acesso. Esse documento-síntese foi utilizado para se ter uma visão geral do que acontecia com a turma e também serviu como base para as reuniões dos professores, os quais conheciam os problemas da turma e com isso, podiam tomar decisões em termos de

atividades a serem propostas e repensadas, tópicos a serem discutidos, textos a serem disponibilizados para leitura, etc.

Nas sínteses dos memoriais, os professores destacaram, entre outras questões, que as respostas dos cursistas ajudavam a compreender que o curso de fato, estava alcançando o seu objetivo principal que era o de contribuir para a formação do gestor escolar. Também confirmaram que as leituras e discussões realizadas sobre as temáticas nas salas ambientes do curso estavam contribuindo para que muitos cursistas refletissem sobre suas práticas e desenvolvesse novas ações reelaboradas a partir desse processo de ação e reflexão no seu dia a dia da escola.

Com relação às questões apontadas sobre o volume de atividades como limitador para o estudo e elemento que dificultava a gestão do tempo, os professores reconheceram a sobrecarga de trabalho dos cursistas, e em reuniões pedagógicas, propuseram uma revisão da quantidade de atividades. No entanto, destacaram no documento síntese orientava que cada cursista deveria aprender a organizar melhor o tempo, assim como muitos colegas já apontavam em suas respostas à primeira questão do MRP, que o próprio curso estava auxiliando-os a melhorar a gestão do tempo.

Em relação a outras demandas que apareceram nos memoriais, como as que se referiam aos fóruns, os professores reafirmaram no documento-síntese sobre a importância desse espaço para o desenvolvimento do diálogo e da aprendizagem colaborativa a partir da troca de experiência e da sistematização de conhecimentos, afirmando que neles, havia a possibilidade de se desenvolver a sala de aula virtual e que além das dúvidas e esclarecimentos, poderiam desconstruir e construir novos saberes. Os professores reconheceram que as discussões nos fóruns precisavam ser mais aprofundadas e fundamentadas para que assim, as discussões pudessem contribuir para uma interação mais significativa de todos.

De forma geral, é perceptível compreender como a utilização do instrumento memorial reflexivo nesse curso, vem se constituindo como um espaço de avaliação e formação em que a partir de um procedimento avaliativo, obtém-se elementos para um repensar coletivo (de ações de cursistas e de professores), pois os cursistas ao encontrarem consigo mesmos naquele momento de reflexão (MRP), ficavam diante de uma situação nova, de estudo, em que a teoria, levava-os a questionar sobre as possibilidades da articulação do repensar a ação pedagógica, implicando no resultado de uma prática diferenciada, e além disso, construindo juntos, uma aprendizagem mais significativa. Da mesma forma, as ações dos professores, que

compreendendo como o aluno aprendia e quais suas dificuldades, podia repensar suas práticas.

## 5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O uso do memorial reflexivo em curso *on line*, ao mesmo tempo em que se configura como um instrumento de promoção, auto-avaliação do cursista, possibilita também à avaliação do curso. Utilizá-lo enquanto instrumento de avaliação é possibilitar ao cursista, professores e equipe coordenadora, rever a trajetória percorrida, fazer auto-avaliação, identificar os limites, reconhecer os sucessos pessoais e do outro, ser autor, co-autor da própria aprendizagem. Possibilitam também novas reflexões entre o cotidiano, a teoria e a prática e a partir daí, extrair novos rumos para a construção e sistematização de conhecimentos.

A análise realizada nesse estudo objetivou socializar uma experiência de avaliação em curso *on line* e apontar subsídios dessa prática que vem contribuindo para o desenvolvimento da avaliação na perspectiva formativa, em que o cursista mantém um diálogo constante com o seu fazer pedagógico e a teoria frente as novas aprendizagens oportunizadas por meio de sua auto reflexão. Isso representa um ponto de partida, uma abertura para que o movimento de ação e reflexão possa ser vivenciado e desenvolvido.

Nesse sentido, acredita-se que muitos questionamentos que perpassam sobre a avaliação na EAD *on line* podem ser respondidos na proporção em que vai se aperfeiçoando, entre outros, o uso do memorial reflexivo para a promoção de uma avaliação formativa, em que o cursista acompanha e participa da evolução do seu próprio aprendizado, e ao mesmo tempo, agrega informações para a avaliação do próprio curso.

## REFERÊNCIAS

COHEN, E.; FRANCO, R. **Avaliação de Projetos Sociais**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

DEMO, Pedro. Qualidade da educação: tentativa de definir conceitos e critérios de avaliação. **Estudos em avaliação educacional**. São Paulo, FCG, n.2, p. 11-26, jul./dez. 1990.

FREIRE, V. P.; LINHARES R. N. O Memorial como prática avaliativa na formação de professores em EAD. In: **Debates em educação**. Alagoas, Vol.1, n.1, Jan./Jun.2009.

HADIJI, C. **A avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

OKADA, A. Memorial Reflexivo em Cursos *On line*: um caminho para a avaliação formativa emancipadora. In: VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B. de (Orgs.). **Formação de educadores à distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

PERRENOUD, P. **Avaliação – da excelência à regulação das aprendizagens**, entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PRADO, M. E. B.; ALMEIDA, M. E. B. de. Estratégias em educação à distância: a plasticidade na prática pedagógica do professor. In: VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B. de (Orgs.). **Formação de educadores à distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

REIS, L. G. da C. (1999). **Avaliação de Projetos como Instrumento de Gestão**. Disponível em <[http://www.rits.org.br/gestao/ge\\_tmesant\\_nov99.cfm](http://www.rits.org.br/gestao/ge_tmesant_nov99.cfm)>. Acesso em: 18 nov. 2001.

TURMA 5 DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR DO PROGRAMA NACIONAL ESCOLA DE GESTORES. **Síntese de MRP**. 2008-2010. Tocantins, Universidade Federal do Tocantins.

VILLAS BOAS, B. M. de F. Avaliação formativa: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **As dimensões do projeto político-pedagógico**. Campinas: Papyrus, 2001.

Artigo recebido em 21/04/2012

Aceito para publicação em 20/10/2013